

Cazumbá

JORNAL TURÍSTICO E CULTURAL DO MARANHÃO

R\$ 7,00 • ANO XI • Nº 114 • EDIÇÃO ABRIL 2014 • SÃO LUÍS • MARANHÃO

www.jornalcazumba.com.br • E-MAIL jcazumba@gmail.com

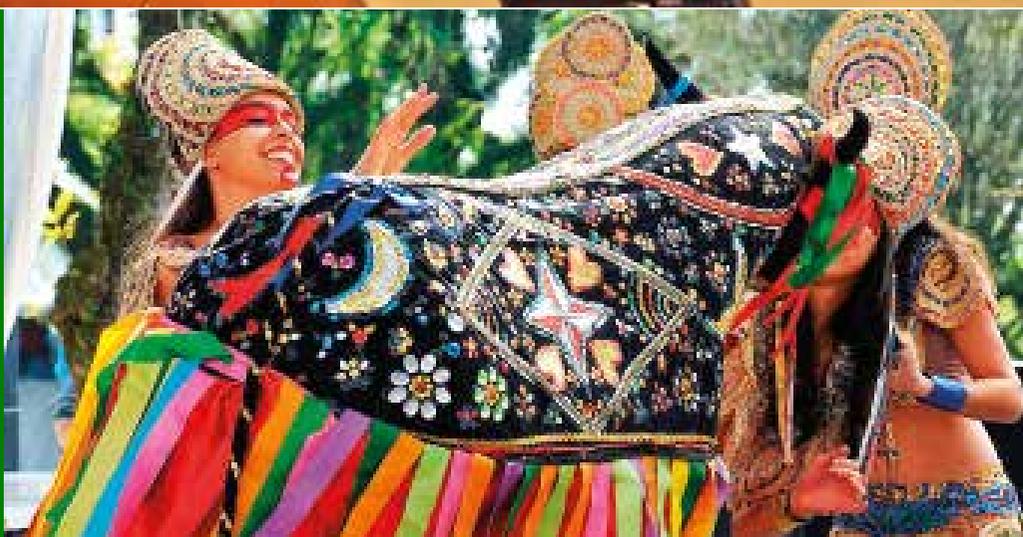


Índios do Maranhão

A sobrevivência de sua cultura

Bumba Meu Boi

Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil





Cazumbá

produções audiovisuais

**O ponto de partida
para quem tem
algo a mostrar!**



Filmagens, fotos,
reportagens,
cobertura de eventos.

98 82145279 / 31990040
jcazumba@gmail.com



Certificação
Digital

Sua assinatura nos meios eletrônicos
com segurança garantida



Aplicações:

Certificado AC OAB/Advogado
Emissão de Notas Fiscais

Conectividade Social
Sistema Judiciário

Relacionamento com a Receita Federal
Sistema Público de Escrituração Digital

Adquira por meio do site:

www.fecomercio-ma.com.br



SUMÁRIO



Editorial **4**

No Cerne da Questão: O DNA ludovicense **6**



Entrevista: Antônio Lucena
(Secretário de Turismo de Carolina) **7**

Coluna Trade em Ação **8**

Bumba Meu Boi: Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil **10**



O Mochileiro: Lagoa do Abaeté **13**

Índios do Maranhão: a sobrevivência dos náufragos **14**



A Quitanda da Rede Mandioca **16**

Cuxá: Iguaria maranhense espera se tornar Patrimônio Cultural Imaterial **17**

Sítio do Rangedor: fundamental para equilíbrio hídrico de São Luís **18**



Ócio, Viagens e Gastronomia: As cocadas da vovó **20**

EDITORIAL



Foto: Reginaldo Rodrigues

A insustentável leveza da Ilha

Sustentabilidade é uma palavra que está na onda. Paira nos lábios de políticos, ambientalistas, turismólogos, filósofos, poetas, urbanistas e demais profissionais, que se deliciam com o imponderável. Geração de emprego e renda é uma expressão que visita o discurso de tecnocratas e candidatos em época de eleição. Fornece prestígio a quem esgrima tais conceitos, dando-lhes ares de erudição.

Há muito se diz que o turismo é a indústria limpa, que não polui. Mero castelo de areia. Turismo polui menos que outras atividades, contudo, polui. Quem viaja de avião, barco, carro ou ônibus queima combustível, contribui com o aumento de monóxido de carbono na atmosfera. Quem come e bebe produz lixo, e também expele o que não é absorvido pelo organismo, usa papel higiênico, deixa sua cota de contribuição no esgoto dos destinos visitados. Enfim, tudo o que respira polui.

Sonhar com um lugar sustentável e saudável, e as cidades deveriam seguir à risca as lições ambientais, rezarem na cartilha do consumo racional, equilibrado. Não apenas consumir menos, mas, também, consumir de forma consciente, sabendo que poluir menos é um gesto

de cidadania. Nesse contexto, cabe fazer uma reflexão, mais uma vez, sobre o caos no trânsito de São Luís. A enorme quantidade de veículos não somente despeja na atmosfera sua cota daninha de poluição sonora, geram engarrafamento, sobretudo na hora do *rush*, e colaboram com a diminuição da qualidade de vida das pessoas.

Neste ano eleitoral o problema se agravará com a propaganda política, com uma cambada de candidatos colocando mais veículos nas vias públicas, despejando um pouco mais de barulho no juízo dos cidadãos, a maioria deles transformando nossos ouvidos em penico através de suas propagandas equivocadas.

Não basta criar novas avenidas, como se isso fosse salvar a pátria; é necessário exercitar um planejamento estratégico que permita prever novos danos à cidade daqui a dez, vinte anos, e traçar planos que solucionem tais problemas, de forma antecipada. Esse discurso, infelizmente, não sai da boca desses políticos desprovidos de neurônios pensantes, e que enchem a paciência dos cidadãos diariamente com um discurso vazio e superado. É preciso discutir a cidade, de forma séria e inteligente.

EXPEDIENTE

Editor Responsável

Reginaldo Rodrigues
SRTE 694/MA

Administração

João Rubem Nascimento

Assistente Administrativo

Nailde Ribeiro

Coordenação de Jornalismo

Paula Lima - SRTE 920/MA

Estagiária

Juliana Monteiro Vieira

Fotos

Reginaldo Rodrigues

Reportagens

Paula Lima

Juliana Monteiro Vieira

Paulo Melo Sousa

Colaboração

Antônio Noberto

Beatrice Borges

Pesquisador e Historiador

Marcos Tadeu N. da Silva

Projeto Gráfico

Wedson de Sousa

Tiragem

5 mil exemplares

Contatos p/ artigos, críticas e sugestões:

Fone Fax: (98) 3199-0040 / 8909-8347/ 8214-5279

jcazumba@jornalcazumba.com.br

reginaldorodrigues2010@hotmail.com

End.: Av Daniel de La Touche, 1001, sala 106, Ed. Elaine, Cohama, CEP: 65074-115.

Valor da assinatura anual R\$ 87,00

O jornal Cazumbá não se responsabiliza por textos assinados, assim como pela opinião do leitor.





O Governo Federal investe no desenvolvimento do Maranhão.

**DUPLICAÇÃO DA
BR-135**

As obras do PAC que o Governo Federal realiza, em parceria com o estado e os municípios, vão beneficiar várias gerações de maranhenses.

*Fonte: FMI



Por Gonçalves Dias

**CONCLUSÃO DA
HIDRELÉTRICA DE ESTREITO**

- ✓ Duplicação da BR-135, no trecho entre Estiva e Bacabeira, que vai desafogar o trânsito na entrada de São Luís e deixar a rodovia mais segura.
- ✓ Conclusão da Hidrelétrica de Estreito, garantindo energia para o estado continuar crescendo.
- ✓ Minha Casa, Minha Vida: mais de 47 mil unidades entregues e mais de 90 mil contratadas.
- ✓ Urbanização da Margem Esquerda do Rio Anil, em São Luís, o que melhorou a vida de muitas famílias que antes moravam em palafitas.



**+ DE 90 MIL UNIDADES CONTRATADAS
MINHA CASA, MINHA VIDA**

São ações assim que fazem do Brasil um dos países com maior volume de grandes obras do mundo. E o que mais reduziu o desemprego desde 2008*.

brasil.gov.br

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA



NO CERNE DA QUESTÃO

Por Antonio Noberto

*Turismólogo, escritor, sócio-efetivo do IHGM e sócio fundador da Academia Ludovicense de Letras – ALL.

O DNA ludovicense

Muita gente se intriga com o jeito ludovicense de ser. Alguns chegam a nutrir e difundir sentimentos avessos a esse estilo de vida local que não raro se estende às demais cidades do estado. É facilmente perceptível a valorização do luxo, o culto à beleza e à vaidade, a frota de veículos mais nova do país, os shoppings quase sempre cheios, ostentação, etc. Outra característica marcante ludovicense está no trato do corpo. Muitos não se incomodam com as gordurinhas a mais e desfilam nas ruas e locais públicos de São Luís sem problemas, mas esta não é a regra. São Luís é uma das capitais brasileiras onde a população mais cuida do corpo e o mantém em forma. Segundo o *ranking* nacional de obesidade, a capital maranhense sempre ocupa lugar invejável de cidade onde as pessoas exibem boa forma física. O intrigante é que encontramos as vizinhas Belém e Macapá quase sempre em posição inversa no *ranking*. Mas, isto não impressiona quem conhece com profundidade a história do lugar, pois sabe que a origem do DNA diverso está na própria história da cidade e do Estado.

Apesar das dificuldades iniciais encontradas na implantação de uma colônia, Daniel de La Touche e François de Razilly trouxeram para cá aquilo que poderíamos apelidar de os princípios da moda. Além de trabalhadores de todo gênero necessários à edificação de uma colônia: soldados, religiosos, pedreiros, ferreiros, serradores, fundidores, tabelião, astrólogos, agricultores, etc., também trouxeram artesãos, tecelãs, sapateiros, costureiros, etc., além de “jovens donzelas” e tupinambás que voltaram da França vestidos à la francesa. Os indígenas, diga-se de passagem, habitantes da Ilha Grande nos anos mil e quinhentos e mil e seiscentos, usavam orelhas e narizes furados. Algo não tolerado pelos portugueses.

O próprio nome da capital maranhense já é um bom motivo para o despertar da vaidade. O adjetivo gentílico ludovicense, que deriva de Ludovico – Luís, o rei da França,

em latim – fez dos habitantes da Ilha do Maranhão “súditos de sua Majestade” Luís XIII. As balizas da cidade, nascida como “capital da França Equinocial”, foram lançadas inacreditavelmente no Palácio do Louvre, hoje o maior Museu do mundo, quando a rainha regente Maria de Médici determinou a seus dois generais que fizessem “... um forte e ao lado dele um porto”. O Forte foi encravado no lugar onde se encontra a Praça Pedro II, com núcleo no Palácio dos Leões e o Porto é a Rampa Campos Melo, onde acontece o embarque e desembarque dos passageiros, que fazem a travessia São Luís – Alcântara, o qual propiciou o centro comercial e financeiro da Praia Grande. Foi em cima destas balizas que a cidade floresceu, sendo uma das poucas capitais brasileiras quadricentenárias que conservou seu núcleo fundacional quase inalterado.

No século XIX era de São Luís que “exalavam os ares de civilização” para toda a parte norte do Brasil, pois não era de se admirar que os estrangeiros a vissem como a quarta cidade brasileira, “a Princesa em meio à Plebe das cidades nortistas para onde inúmeros visitantes, com os mais diversos interesses, afluíam”. No século seguinte o viajante francês Paul Adam referendaria a beleza e o luxo da capital maranhense com a frase *La petite ville aux palais de porcelaine* (A cidadezinha dos palácios de porcelana). Maior acervo colonial português da América Latina, São Luís abriga inúmeros casarões históricos que, de longe, sobrepõem muitas outras cidades coloniais do Brasil. Como bem escreveu Eurico Teles de Macedo em uma obra publicada em 1908:

[...] a influência francesa foi preponderante no Maranhão, apesar de ter sido tão breve. É que, o que é bom é aprendido mais facilmente e faz o milagre de perdurar. O espírito da cultura superior do povo, que em boa hora influi na formação do Maranhão, fez-se sentir ainda mais decisivamente na arquitetura que presidiu a edificação da capital e nos costumes

delicados ainda hoje notados, até mesmo nas classes menos educadas. São Luís tem uma edificação mui diferente dessa que amiúde vemos nas demais cidades do Brasil, colonizadas por portugueses – casarões pesados, escuros, privados de áreas internas de arejamento e iluminação.

Nada disso. Notamos, ao contrário, por toda a parte, prédios coloniais bem arejados, dotados de magníficas áreas abertas no seu interior, servidos de varandas e varandões bem iluminados pelos raios do sol dos trópicos, com peças espaçosas, sem cubículos ou cafuas, de belo aspecto interior pelas artísticas proporções dos membros da sua arquitetura. (MACEDO, Eurico Teles de. O Maranhão e suas riquezas. – São Paulo: Siciliano, 2001. p.23).

O período inicial do Maranhão foi brilhante, de pacificação entre os naturais da terra e, estes, de parceria com os franceses, regidos pela Primeira Constituição das Américas, escrita no Maranhão, no Forte São Luís. Ela, entre muitas outras coisas, disciplinava o convívio, a segurança e o sossego público. O Maranhão de hoje, de violência exacerbada e de intensos conflitos, em nada lembra os tempos de outrora. Sinal de que o ambiente vem nos moldando para o caminho da força e da violência, que nos lembra o indesejável período das armas do colonizador. O Maranhão precisa voltar aos velhos tempos de Ilha do amor, e isso acontecerá quando a população discernir e souber colocar de lado os interesses sectários e de grupos e prestigiar os interesses coletivos. Tanta violência indica que estamos na contramão, nadando contra a própria natureza.

O DNA ludovicense é fruto da história e da formação da Ilha Grande, resultado, em maior parte, da presença e influência gaulesa nos dois principais momentos da cidade e do Estado. Ele traz consigo o gene da paz, da vaidade e do luxo. Por isso, que ser ludovicense é um estilo de vida, mas nem todo mundo entende isso.

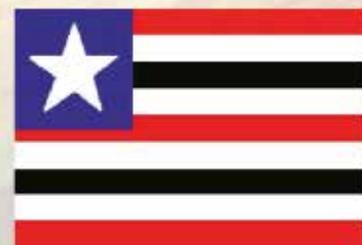
A gente se vê!



Cartório do 2º Ofício de Notas

Tabelião: Dr. Celso Coutinho
Substitutos: Dr. José Maria Pinheiro Meireles e Gerson N. Coutinho

Com uma estrutura ágil e moderna para oferecer a você o melhor em serviços e plena segurança jurídica, escrituras, procurações, testamentos, reconhecimentos de firmas, autenticações, inventário, partilha, separação, divórcio e restabelecimento de sociedade conjugal



Rua da Direita, 402 - Centro • Tel: (98) 3232-8699 • 3221-2419 • Fax: (98) 3232-1810 - São Luís/MA

Entrevista

CAROLINA, ANTÔNIO LUCENA

Secretário de Turismo

Carolina vem de um ano muito bom, turisticamente falando. 2013 foi marcado por inúmeras matérias e inserção de mídias em diversos veículos especializados e, ainda, a participação em feiras e rodadas de negócios, que aconteceram ao longo do ano em todo Brasil. Para saber o que 2014 reserva para o setor, o Jornal Cazumbá foi conversar com o secretário de Turismo do município, Antônio Lucena, que falou dos projetos, ideias e perspectivas para este ano.

Jornal Cazumbá – Quais as perspectivas para 2014? Será um ano de movimento e de avanços no turismo?

Antônio Lucena – Durante o ano de 2013, Carolina recebeu cerca de 82 mil turistas. Em relação a 2012 houve um aumento de quase 80%. O ano de 2014 promete ser um ano muito bom em função da inauguração do Complexo Turístico de Pedra Caída, considerado o maior resort de turismo de aventura do Brasil, aumentando, assim, ao trade turístico mais 400 leitos. Então até, acreditamos, mês de julho, agosto, Carolina que hoje tem 1.020 leitos na área de hotelaria ele passa pra 1.600 leitos. E os eventos que normalmente já fazem parte do calendário turístico da cidade, como Boogie da Chapada, talvez o Festival de Rock, então isso tudo tende a aumentar o fluxo turístico neste ano.

JC: Como era a relação da secretaria de Turismo de Carolina e Setur Maranhão com o Ministério do Turismo e Embratur na época em que os seus dirigentes eram os maranhenses Gastão Vieira e Flávio Dino?

Antônio Lucena – Com o Ministério do Turismo realmente o ministro Gastão Vieira foi um fator muito bom para o turismo de Carolina, haja vista que ele colocou praticamente as nossas belezas, as nossas fotos, dentro das feiras nacionais e internacionais. A secretaria de Turismo do Estado, na pessoa do secretário Jura Filho, é nosso parceiro incontestado. Tem nos ajudado em nível de feiras, por exemplo, etc. O Ministério do Turismo e Secretaria de Turismo do Estado são parceiros incontestados dos nossos trabalhos junto à Secretaria. Já a Embratur não teve nenhuma participação.

JC: Carolina tem um planejamento para o turismo? Se há, no que consiste esse projeto?

Antônio Lucena – Sim. A nossa ida a feiras, mostrando a cidade e, assim, trazendo turistas faz parte desse planejamento, com apoio total do prefeito Ubiratan Jucá. Agora mesmo lançamos na Câmara Municipal do município o mapa turístico de Carolina, com pousadas, hotéis, lanchonetes. A reativação do centro de atendimento aos turistas. Então, o prefeito de Carolina tem uma visão macro daquilo que Carolina representa ao setor turístico, sabe que o caminho da cidade é o turismo. Nós não temos grandes áreas para pastagens, para plantio de soja, mas temos as nossas paisagens, que não tem em lugar nenhum do Brasil. Para você ter uma ideia, a Chapada das mesas é o único lugar onde você consegue tomar banho o ano inteiro, porque a água fica entre 22°C e 25°C.

JC: Existe alguma preocupação do setor para esse ano?

Antônio Lucena – A preocupação sempre existe. É a preocupação com a capacitação do nosso pessoal, com a reciclagem das pessoas que já trabalham no turismo, com o apoio que nós temos hoje com todo o sistema S, Sebrae, Senai, Senac. Para você ter uma ideia, esse ano capacita-



Foto: Divulgação

mos, a nível do Senai, que foram os cursos de Atendente a Lanchonete, Atendimento em Meio de Hospedagem, Cozinha, mais de 300 pessoas. E dessas mais de 80% já estão hoje no mercado de trabalho.

JC: Temos visto e ouvido da atuação do Sebrae, Senac, IFMA no município de Carolina. Existe alguma parceria com esses organismos ou eles estão lá por iniciativa própria?

Antônio Lucena – O Sebrae é o nosso maior parceiro. Ele vem nos ajudando na área de turismo já há muitos anos. No final do mês passado, tivemos um curso excelente de gestão de pessoas, e, em seguida outro curso. Ele nos apoia em feiras, em eventos e também na parte da Lei Geral do Turismo. Quanto ao Senac, temos hoje o caminhão de Turismo e Hotelaria dentro da cidade, que ministra os cursos de Garçom e de Cozinha. Agora em abril iniciaremos mais uma turma de Cozinha onde vamos capacitar 45 novos cozinheiros. O Senai, como já disse anteriormente, trouxe vários cursos, ano passado, de Atendente em Meios de Hospedagem, de Recepcionista em Meios de Hospedagem, de Atendimento de Lanchonete e de Camareira. 80% desse pessoal já está no mercado de trabalho. E hoje, dentro do município de Carolina, nós já temos 80% dos nossos prestadores de serviço cadastrados junto ao Cadastur.

JC: O Prêmio Cazumbá de Turismo premiou a Chapada, em especial Carolina, com o título de melhor destino de turismo consolidado no Maranhão, pelo segundo ano consecutivo. De que maneira esse reconhecimento foi recebido pela cidade?

Antônio Lucena – O Prêmio Cazumbá de Turismo hoje está colocado em lugar de honra lá no Conselho de Turismo, onde todos os conselheiros têm acesso a ele. O Prêmio Cazumbá é realmente um divisor de águas, é onde começou tudo. Prêmios como esse que o Cazumbá nos outorgou servem para que a gente, cada vez mais, tente melhorar em nível de turismo.

JC: Em relação à preservação e desenvolvimento da atividade turística de Carolina, o município se sente por alguma perda com a construção e entrada em funcionamento da Usina Hidrelétrica de Estreito?

Antônio Lucena – A nível de cachoeiras, de belezas, de atrativos naturais, o único grande problema, que não é um problema consolidado, foi o lago. Mas, podemos transformar o lago num atrativo turístico, com pesca esportiva. Estamos pensando, inclusive, em fazer um campeonato de jetski ainda esse ano para que possa ser adicionado ao calendário estadual. E, também, o processo de mitigação social obriga o CESTE [Consórcio Estreito Energia] a investir no turismo. Nós estamos acertando junto ao CESTE o projeto de sinalização turística da cidade. Acreditamos que esse projeto deva sair nos próximos 90 dias.

JC: Carolina é conhecida como um destino de aventura, com algumas práticas de esportes radicais. A que se deve isto?

Antônio Lucena – À sua geografia, serras, mesas, rios (para você ter uma ideia, Carolina tem 22 rios perenes). Tudo isso ajuda muito para que essa prática de esporte de aventura se consolide. Então, temos hoje a maior tirolesa da América Latina, fazemos um bungee jumping de 46 metros de altura, temos arvorismo, rapel, pontes, caminhadas. Então, é um destino de aventura já consolidado.

JC: A exposição dos atrativos turísticos da cidade nos meios de comunicação tem atraído muita gente que quer ver o lugar ideal para práticas de ecoturismo e aventura e isso tem aumentado a demanda de visitantes na cidade. De que maneira a administração local está se preparando para que este turista se sinta bem e retorne outras vezes?

Antônio Lucena – Capacitando. Temos que capacitar todo o nosso pessoal para o bem atender do turista, porque ninguém faz turismo só com belas paisagens. Oferecemos infraestrutura adequada. O prefeito agora, em parceria com o governo do Estado e governo federal, está refazendo todas as ruas da cidade. E ele não mede esforços para isso, porque turismo não é só belas paisagens, é a infraestrutura, é o hospital, é a segurança, e isso está sendo feito em Carolina. Além disso, o bem atender do turista é o caminho para que ele volte e fale bem da nossa cidade.

JC: Fala-se muito da distância para se chegar até Carolina. Existe alguma conversa sobre a regionalização de voos?

Antônio Lucena – Essa conversa já existe há muitos anos. No mês passado, mesmo, o nosso prefeito esteve com o pessoal da ANAC, que foram à Carolina e já fizeram um levantamento para que as obras civis do Aeroporto sejam executadas. A empresa Azul já pediu reserva do Aeroporto para a ANAC. Então nós acreditamos que a regionalização dos voos será mais um incentivo para que os turistas venham à Carolina.

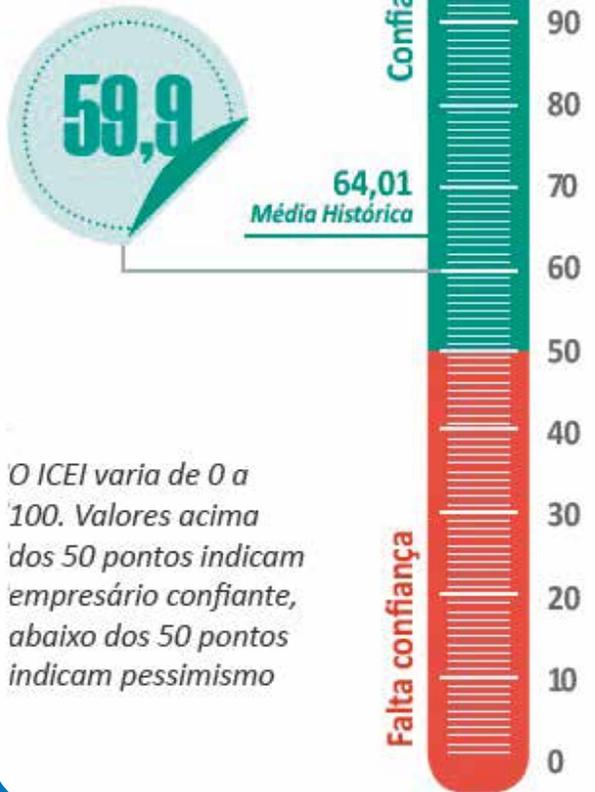


TRADE em AÇÃO

Por Paula Lima - Jornalista e especialista em Assessoria de Comunicação
paulaslimas@gmail.com / www.paulaslimas.blogspot.com

▶ Indústria

ICEI março de 2014 Maranhão



O Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei) do Maranhão de março ficou em 59,9 pontos. O resultado da pesquisa, que é realizada mensalmente pela Federação das Indústrias do Estado do Maranhão (Fiema), mostra que os industriais maranhenses permanecem confiantes apesar do indicador ser 2,5 pontos abaixo do que foi registrado em fevereiro. O Icei do Maranhão ficou acima dos valores registrados para o Nordeste e para o Brasil. No primeiro cenário – Nordeste – o índice ficou em 56,3 pontos, o que demonstra otimismo apesar do recuo de 0,9 ponto no período. Já para o Brasil, houve aumento 0,1 ponto em relação ao mês anterior, e para este cenário, o Icei marcou 52,5 pontos.

O otimismo para o cenário maranhense, detectado pela pesquisa, reflete o ânimo das empresas de pequeno porte, cujo indicador ficou em 62,1 pontos, enquanto as empresas de grande e médio porte tiveram o indicador em 59,3 pontos.

Quando se olha para os segmentos da indústria percebe-se que as indústrias de extração e transformação do Maranhão permanecem em boas condições, como demonstra o indicador em 58,6 pontos, o que sinaliza melhorias. No entanto, a Construção Civil apresenta uma situação oposta, com o indicador em 44 pontos, o que sinaliza que as condições das empresas pioraram ante os últimos seis meses.

Quanto às expectativas para os próximos seis meses, a pesquisa indica que há confiança. Para a Construção Civil, o índice geral ficou em 60,6 pontos para março, enquanto as indústrias de transformação e extração ficou em 67,9 pontos.



▶ Exposição

Exposição de encerramento da primeira etapa do projeto "Talentos Brasil Rural", que é uma parceria entre o Sebrae, o Ministério do Desenvolvimento Agrário, o Ministério do Turismo e o Ministério do Meio Ambiente. As peças são do grupo de artesãs do povoado Santa Maria, na cidade de Alcântara, atendidas pela unidade regional do Sebrae na Praça Dom Pedro II, através do projeto "Talentos Brasil Rural", que busca inserir produtos e serviços da agricultura familiar no mercado turístico, agregando valor à oferta turística brasileira. Nesta etapa o grupo recebeu a consultoria da profissional em Design Karine Faccin, que realizou uma oficina de criatividade, para produção de peças. Posteriormente, essas peças serão encaminhadas para rodadas de negócios a serem realizadas em cidades-sede da Copa do Mundo, buscando mercado para artesãs de todo o país.



▶ Artesanato

No dia 19 de março, a Secretaria de Estado de Turismo do Maranhão foi agraciada com o caminhão do Artesão. O objetivo é fomentar as vendas do artesanato, criar participação de um maior número de artesãos e produtos nas feiras além de viabilizar a presença em eventos por todo o país. Os caminhões foram doados pela Secretaria da Micro e Pequena Empresa (SMPE) doou um caminhão baú a cada uma das 27 unidades da federação.



► **Turismo**

Secretaria de Turismo de São Luís participou do Fórum Panrotas 2014. Na foto Beatrice Borges, Coordenadora da ABAV Nacional, Ana Carolina Medeiros, Vice Presidente de Capacitação e Certificação da ABAV, Guilherme Marques, Secretário Adjunto da Secretaria de Turismo de São Luís e Ádria Carvalho, Coordenadora de Promoção da Setur.

► **Guias**



O Sindicato de Guias de Turismo do Maranhão (SindegTUR) participou, de 26 a 30 de março, do XXXIV Congresso Brasileiro de Guias de Turismo, em Goiânia. O estande de São Luís mostrou todas as belezas do destino. Os visitantes, ainda, puderam degustar o guaraná Jesus e saber mais sobre o Maranhão nas páginas do Jornal Cazumbá. E os guias saíram de lá com novidades. São Luís sediará o evento em 2016. Vale lembrar, que a primeira edição do evento aconteceu na capital, no período de 13 a 16 de agosto de 1980. Depois de mais de 30 anos estará de volta à cidade.

► **Olimpíada**



No mês de setembro haverá em Minas Gerais, a Olimpíada do Conhecimento, realizada pelo Senai/MG. O aluno-competidor na Ocupação de Cozinha, Victor Monteiro, do Senac/MA, está há sete meses aprimorando seus dons e talentos, para representar a instituição na olimpíada. Ao lado dele, Igor Henrique Santos e Thaynara Rosa, segundo lugar na etapa estadual da competição, participam do treinamento, no intuito de adquirirem conhecimento e se prepararem para as futuras edições do evento.

Além de Victor, a aluna competidora Karine de Melo também se prepara para representar o Senac/MA, porém, na Ocupação Serviço de Restaurante. "A busca pela medalha de ouro é o foco dos escolhidos para representar o Senac/MA", destaca Lígia França, instrutora do curso de Cozinheiro. Técnicas de cozimento de grãos, preparo de massa para macarrão, recheio de salgados e os preparos de massas italianas são alguns dos conhecimentos adquiridos pelos alunos durante o treinamento. Para participar da Olimpíada do Conhecimento, o competidor deverá ser egresso no curso que estiver representando, ter práticas e técnicas da profissão.



AGUARDE. Um novo Restaurante Senac vem aí.

O Restaurante Senac está modernizando suas instalações. Em breve, os pratos irresistíveis, o atendimento excelente e todo o sabor que São Luís aprecia estarão de volta, com ainda mais conforto e qualidade. Prepare-se para sentir o sabor dessa novidade.

Restaurante SENAC
Classe, sabor e requinte
no coração do Centro Histórico



EM DESTAQUE

Por: Paulo Melo Sousa

Fotos: Divulgação



Bumba Meu Boi

Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil

Dentre as manifestações folclóricas maranhenses de cunho popular, o Bumba Meu Boi ganha incomparável destaque, pois marca um compromisso sagrado, mostrando a grande ligação da festa com os santos comemorados durante o mês de junho. Essa manifestação cultural também é denominada de folguedo ou brincadeira.

A forma como o Bumba Meu Boi é apresentado no Maranhão é única, diferenciando-se dos outros estados brasileiros, principalmente pela diversidade de seus sotaques (estilos) e pelo período de festejo. Em outros locais do país, a brincadeira acontece no mês de novembro, progredindo até a noite do dia de Reis, dia 6 de janeiro. No Maranhão, ela se manifesta no mês de junho. Esse período do ano para a realização do festejo do Bumba Meu Boi obedece a uma lógica na qual o tempo enquanto categoria é regulado de acordo com as necessidades da sociedade camponesa, no seio da qual surgiu o Boi.

Esse folguedo está relacionado a São João e a aparição da brincadeira não pode ser dissociada do dia consagrado ao nascimento desse santo, em junho. Outra explicação para o período do festejo se relaciona com o ciclo do gado, coincidindo a data com o clímax da engorda do animal, o que culmina com o abate do boi para comercialização, gerando fatura para todos que dependem da criação bovina, o que geraria recursos para a realização dos festejos.

Os santos comemorados nas festas juninas são Santo Antônio, quando são iniciadas as apresentações, São João, quando a festa está no auge e os brincantes do folguedo rendem homenagem ao santo pagando promessas e dançando como forma de interligação entre o santo e os devotos, São Pedro, quando durante o dia acontece procissão marítima e manifestações religiosas e, à noite, a capital maranhense fica envolta por festas em todos os seus recantos.

Em São Luís, ainda, se comemora São Marçal, onde os grupos de Bumba Meu Boi se reúnem para se despedirem do período em um mesmo lugar durante vinte e quatro horas, amanhecendo o dia todos os brincantes e



a plateia, tradicionalmente, em um bairro populoso da cidade. Unindo a religiosidade, o misticismo, os ritmos, a beleza e a riqueza de elementos culturais o Bumba Meu Boi do Maranhão se destaca no panorama nacional. Por essa razão, a brincadeira foi considerada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, em 2008.

Mesmo revelando o seu lado sagrado, a manifestação pode ser considerada uma dança, uma representação teatral ou uma brincadeira, não por designação de termos culturais, mas pela manifestação dos próprios atores e dançarinos que compõem o elenco do espetáculo, onde dançam, representam e se divertem, considerando o espetáculo como uma forma de diversão dramática, que se coloca entre a dança, o jogo, a festa e o teatro.

A música é um componente essencial no folgado do Boi. O canto é realizado de forma coletiva, acompanhado de instrumentos musicais de percussão e, nos últimos tempos, de corda e de sopro também. Seu ritmo próprio é conhecido como sotaque e diferencia-se de um grupo para outro variando conforme a concepção, organização e formas de apresentação características de cada localidade. No Maranhão são cinco os sotaques do Bumba Meu Boi: Matraca (ou Sotaque da Ilha), Baixada (Pindaré ou Pandeirões), Zabumba (ou Guimarães), Costa de Mão (ou Cururupu), e Orquestra.

A representação possui todo um contexto, uma história vivida como um ciclo que não tem fim, um ritual religioso que envolve o renascimento (os ensaios), o batismo, as apresentações públicas e a morte. Após este último elemento do ritual, o Boi renasce no ano seguinte, iniciando o ciclo novamente.

Reafirmando que o Bumba Meu Boi é um ciclo ritualístico, na história a primeira festa do ciclo é o Renascimento, que envolve os ensaios e se inicia logo após o sábado de Aleluia. Nesse período do Renascimento, além de o grupo aproveitar para “retocar” as roupas, os chapéus, substituir o que é necessário e produzir adereços novos, o amo ou dono da fazenda, que geralmente é o cantor e o compositor, apresenta as novas toadas.

No Maranhão, as apresentações acontecem nos arraiais das cidades do interior do estado e na capital, com início no dia 13 de Junho, dia de Santo Antônio, depois do batismo do Boi. Após a primeira apresentação do grupo, são feitas



várias outras, passando pelo dia 24, dia de São João, 29, dia de São Pedro, e no dia 30 de Junho, dia de São Marçal. As apresentações podem se estender além desse período, de acordo com contratos que são firmados entre os contratantes e os donos das brincadeiras.

A morte do Boi, que acontece durante o período de três dias ou mais, é uma parte do ciclo que encerra as apresentações da brincadeira em

determinado ano, e geralmente começa a acontecer a partir do mês de setembro, sem um dia específico, com muita festa. Após esse ritual, o ciclo se fecha e tudo recomeça no ano seguinte, para alegria de todos os que integram o Bumba Meu Boi, a manifestação cultural de cunho popular mais importante do Maranhão.

**O MOCHILEIRO**

Por Reginaldo Rodrigues
Jornalista e Turismólogo
reginaldorodrigues2010@hotmail.com

Lagoa do Abaeté

Salvador “...Onde o imperador fez xixi..”

Caetano Veloso

Viajar sem dúvida é um dos maiores prazeres que pode existir. Ainda mais quando essa viagem pode ser incrementada com alguma diversão e se for para Bahia melhor ainda.

Numa das minhas viagens à terra de São Salvador eu pude conhecer as areias e Lagoa do Abaeté, tão famosa nas canções de Caetano e de Caymmi e cenário de diversas manifestações: cultos afro-baianos, que utilizam o lugar para depositar suas oferendas.

A região não é tão majestosa, mas tem

uma áurea que encanta e hipnotiza mesmo. Talvez seja por estar tão próxima de Salvador e às vezes parecer tão distante. O silêncio, a paz e a brisa que de vez enquanto sopra no rosto é uma delícia. Soma-se a isto, as águas da Lagoa, que ajuda a refazer o cansaço de qualquer pessoa.

Inserida no Parque Metropolitano, (acho que o último refúgio natural dos soteropolitanos), o espaço conta, também, com um centro de atividades, contendo charmosos quiosques e o Museu Casa da Música e a Ca-

sa das Lavadeiras.

A lagoa de águas escuras é um ambiente típico de restinga, rodeada de vegetações, entre as quais orquídeas, cajueiros e muitos coqueiros e é bastante profunda. Ainda tem as dunas de areias brancas, num contraste com as areias das Praias de Salvador que são amarelas, quase douradas. No Abaeté as Dunas são móveis, balançando ao som da melodia dos ventos, num gingar que só se ver na Bahia.

Foto: Internet

PRO  **CÁRDIO**
Ao lado da vida

**Urgência e Emergência
Hospital do Coração**

Rua do Apicum, 115 - Centro
Telefone: 98 - 2108 7000

Urgência e Emergência
Rua do Norte S/N
Telefone: 98 - 2108 7070

Por: Paulo Melo Sousa

Fotos: Marcos Tadeu



Índios do Maranhão

a sobrevivência dos náufragos

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, para colonizá-lo, encontraram por aqui os índios, pertencentes a várias etnias. Os donos da terra foram destronados, e sua cultura desprezada e sufocada. Submetidos à dizimação e à submissão, os índios ainda sobrevivem em alguns lugares como o Maranhão.

Por aqui, ainda, mancha o solo de locais históricos como Alcântara as atrocidades cometidas por

Matias de Albuquerque contra os tupinambás. Ali, cerca de dez mil índios foram trucidados, dentre os quais crianças, mulheres e idosos. Os sobreviventes foram se refugiar mais ao norte, mas, não suportaram a sanha dos portugueses, e o último grito de liberdade deles foi sufocado pela morte do grande cacique na área onde hoje se localiza o município de Cururupu.

A presença indígena, contudo, permanece em

nossa cultura. Basta que nos lembremos de nomes de logradouros públicos da nossa cidade, como Avenida Guajajara, localidades do Itapiracó, Maracanã, Mocajituba, Mojó, dentre outros. O próprio nome da Ilha de São Luís, Upaon-Açu, que significa Ilha Grande, é herança indígena. Palavras que estão incluídas no nosso vocabulário cotidiano também nos remetem aos povos indígenas, tais como objetos, peixes, nomes de animais e de seres lendários,



tais como pote, cofo, tacuruba, chatató, maniva, mandubé, gurijuba, currupira, lara, piroga.

As etnias do Maranhão

Dois séculos após a descoberta do Brasil, a população indígena do Maranhão era estimada em aproximadamente 250 mil almas, formada por cerca de 30 etnias diferentes, a maioria delas extintas. Povos como os Tupinambás, que habitavam a cidade de São Luís, os Barbados, os Amanajós, os Tremembés, os Araiões, os Kapietrã, entre outros, foram eliminados ou dissolvidos social e culturalmente.

Outras etnias dessa época, como os Krikatis, Canelas, Guajajaras-Teneteharas e Gavião continuam presentes até hoje, são sobreviventes do massacre

cultural que lhes foi imposto pelo homem branco. Dentre as causas da extinção de tantas etnias no Maranhão, basta citar as guerras de expedição para escravizar, as doenças importadas, a miscigenação forçada, a imposição de novos modelos culturais, a presença daninha das madeiras, dos garimpeiros, dos latifundiários, das mineradoras, das hidrelétricas e das rodovias nas terras indígenas, trazendo as pragas do desmatamento, assoreamento de rios, poluição da diversidade local, o que gerou enfermidades, a fome e o empobrecimento dos índios. Os órgãos federais e estaduais ligados ao segmento não atendem às demandas indígenas, e o cenário tende a se agravar.

Os povos indígenas presentes no Maranhão encontram-se distribuídos em dois grandes gru-

pos, os Tupi-Guarani e os Macro-Jê, distribuição baseada na classificação linguístico-cultural utilizada para identificar e caracterizar as línguas e culturas indígenas presentes no Brasil.

É necessário que haja uma política séria do governo federal não apenas para manter a cultura desses povos, de forma romântica, mas, para lhes dar condições de sobrevivência em suas próprias terras, hoje demarcadas, porém, sempre invadidas e cada vez mais destruídas. Basta que se cite o caso dos Awá-Guaja, um dos últimos povos nômades do planeta, e que estão cada vez mais encerrados nos limites de seu território, no Maranhão. É preciso garantir o direito à sobrevivência desses povos, à manutenção de sua cultura, em benefício da riqueza cultural do próprio Brasil.



A Quitanda da Rede Mandioca

Foi inaugurada em setembro do ano passado, em São Luís, a Quitanda da Rede Mandioca, que integra o Centro de Referência Estadual da Agricultura Familiar. A iniciativa amplia a atuação da Cáritas, e vem integrar o complexo da entidade, formado pela Biblioteca Xavier Gilles e pelo Auditório Manoel da Conceição. A quitanda está instalada na rua do Alecrim, nº 343, Centro, próxima do Palácio dos Esportes, e favorece a comercialização de produtos de agricultores rurais apoiados pela Cáritas.

A Rede Mandioca surgiu em 2004, através de um projeto chamado "Trilhas da Liberdade", idealizado e colocado em prática pela Cáritas Brasileira, Regional do Maranhão. A intenção era e continua sendo combater o trabalho escravo no Estado. Inicialmente, foram escolhidas as comunidades de Vila Ribeiro e Riacho do Mel, localizadas no município maranhense de Vargem Grande, visando impedir êxodo rural e proporcionar geração de emprego e renda através de produtos oriundos da mandioca. A ideia surgiu a partir da constatação de que a mandioca, produto largamente consumido no Maranhão, vinha historicamente sendo

relegada em razão do uso do trigo, por exemplo, na alimentação do maranhense. O pão francês se encontra sempre presente nas mesas de café, e os produtos derivados da mandioca, nem sempre.

A mandioca, além de produzir a farinha, seu produto mais conhecido, possui outras utilidades. A casca serve não apenas para alimentar animais; as folhas são usadas para o preparo de multimistura, que combate a desnutrição, a puba serve para a fabricação de bolos. A Rede Mandioca se espalhou pelo Estado e já se encontra presente em muitos municípios do Maranhão (Barra do Corda, Balsas, Barra do Corda, Buriticupu, Cajapió, Codó, Imperatriz, Itapecuru-Mirim, Monção, Pedreiras, Penalva, Riachão, São Bernardo, São Mateus, Vargem Grande e Viana, dentre outros), articulando 80 comunidades, inclusive quilombolas rurais, agindo de forma afirmativa em cerca de 2.500 famílias. Além do Centro inaugurado em São Luís, a Rede já possui instalações de comercialização em Vargem Grande, Lago da Pedra e Codó.

Os produtos possuem a sua base na mandioca e seus derivados, tais como a farinha, a tapioca, a goma, a massa de puba e a tiquira; no entanto, a

produção engloba ainda o mesocarpo e o azeite do babaçu, o mel, objetos artesanais e a criação de pequenos animais, dentre outros, seguindo a cartilha da economia popular solidária e dos princípios agroecológicos, em busca do aprimoramento da qualidade dos produtos e da busca da certificação, estratégia que visa a ampliação do mercado e da melhoria da qualidade de vida dos produtores.

Além da compra direta dos produtos no local, a Rede disponibiliza aos interessados a possibilidade de participarem de uma cooperativa, adquirindo cestas de produtos de forma regular, de acordo com a chegada dos mesmos dos centros produtores.

SERVIÇO

O quê? Quitanda da Rede Mandioca

Onde? Centro de Referência Estadual da Agricultura Familiar (sede da Cáritas Brasileira, Regional Maranhão - Rua do Alecrim, 343, Centro).

Maiores informações: caritas@elo.com.br

Fone: (98) 3221-2216.



Cuxá: Iguaria maranhense espera se tornar Patrimônio Cultural Imaterial

Um bobó de vinagreira com camarão seco por cima. É geralmente essa mistura que tem sido oferecida nos restaurantes com o apelido de cuxá. Um dos pratos mais significativos da culinária maranhense, o cuxá é o carro-chefe da cozinha maranhense, e incorpora o espírito do nosso Estado, situado entre o norte e o nordeste, portanto, mesclando elementos culturais das duas regiões limítrofes.

Desde 1889 que o cuxá já figurava em obras ímpares, tais como o Dicionário dos Vocábulo Brasileiro, de autoria do Visconde de Beaurepaire Rohan. Em Arthur Azevedo, um dos maiores dramaturgos brasileiros, maranhense de nascimento, também se encontra, em minúcia, a receita da iguaria. Esse escritor era dono de vasta cultura humanística e, por meio da observação minuciosa, fruto de sério trabalho de campo, recolheu vasto material, vocábulo e frases recolhidas em suas andanças pelo Brasil, onde exerceu os cargos de Presidente das Províncias do Pará (daí a informação sobre o cuxá), Paraná

e da Paraíba.

Dona Zelinda Lima, folclorista e pesquisadora de cultura popular, autora do livro de culinária "Pecados da Gula – Comer e Beber das Gentes do Maranhão", revela o caminho das pedras. Para o cuxá, são necessários 6 maços de vinagreira, 1/2 kg de camarão seco, 1/4 kg de farinha seca, 1/4 kg de gergelim, 2 dentes de alho, cebola, cheiro verde e pimenta de cheiro.

Numa receita, não bastam os ingredientes. Falta o pulo do gato, ou seja, como se deve proceder ao longo do preparo, seguindo as regras da receita. A princípio, torra-se o gergelim e soca-se no pilão (o suo do liquidificador, atualmente, não produz o mesmo sabor), juntamente com a farinha bem peneirada, a cebola, o cheiro verde e a pimenta.

Deve-se pilar todos esses ingredientes com propriedade, senão não se chega ao "ponto". A vinagreira é cozida separadamente e, depois de cozida, após a água ser escorrida, batida até se tornar pastosa. Leva-se a mistura pilada ao fogo, mexendo-a até que esta vire um angu, acres-

centando-se, por último, a vinagreira. Depois de a mistura se tornar homogênea, acrescenta-se por cima alguns camarões secos, para decorar. O cuxá é servido sendo acompanhado por arroz branco, peixe frito (a princípio, tainha, depois peixe serra, peixe pedra ou pescada amarela) ou torta de camarão.

Era comum, em São Luís, até meados do século passado, o cuxá e seus acompanhamentos serem vendidos por mulheres negras em pequenas barracas armadas em frente de suas casas. Nessas barraquinhas, essas mulheres acendiam uma luz avermelhada para indicar a todos a venda da iguaria.

Há alguns anos que a folclorista Zelinda Lima tenta, através documentação entregue ao IPHAN, transformar o cuxá em Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, assim como o acarajé baiano. Cabe maior empenho de pesquisadores, dos gestores públicos ligados à cultura e ao turismo, e da população em geral, para que a tentativa se torne numa saborosa realidade.

Foto: Reginaldo Rodrigues



Alugue um carro na Yes.

Conforto e segurança para Você e sua Família.

Todos os veículos completos, mais AIR BAG e ABS.

YES São Luis
(98) 3246-1500
(98) 8115-1100
Av. Daniel de La Touche - Cohama
saoluís@yesrentacar.com.br

Reservas Nacionais
0800 709 25 35
www.yesrentacar.com.br
twitter.com/alugueyes
facebook.com/yesalugueldecarrs

YES
ALUGUEL DE CARROS
Mais perto de você

Por: Juliana Monteiro Vieira

Fotos: João Rubem



Sítio do Rangedor

fundamental para o equilíbrio
hídrico de São Luís

Setecentos e oitenta e três milhões de pessoas ao redor do mundo não têm acesso à água potável, é o que diz a Organização das Nações Unidas – ONU. Esse é um dado alarmante que tem função não apenas informativa, mas de conscientização: despertar-nos para o fato de que a água doce, que corresponde a menos de 3% de toda a água disponível no planeta, é um bem finito e que precisamos dela para viver, por isso é tão importante utilizá-la de maneira consciente e preservar as correntes de água doce.

Na capital maranhense, a área que corresponde à Estação Ecológica do Sítio do Rangedor, floresta urbana localizada no bairro Calhau e imediações, é fundamental para a manutenção hídrica da Ilha, pois o local é um importante ponto de recarga de aquíferos. Por esse motivo ela é enquadrada na categoria de Unidade de Conservação de proteção integral, sendo, dentre as áreas de grande importância ambiental existentes no Estado, a única com essa

classificação.

“O solo sendo muito arenoso em grande extensão da Unidade favorece muito a infiltração de água, o que alimenta muitas das baterias de poços que tem na região. E, ao mesmo tempo, a área da Estação está próxima da área que integra a bacia hidrográfica do rio Calhau, que também é uma das bacias que compõem a Ilha de São Luís”, explica Clarissa Coelho, superintendente de Biodiversidade e Áreas Protegidas da SEMA (Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Naturais). Além disso, o local também serve de refúgio para algumas espécies de animais, como os macacos capiju-ba, jacarés e vários tipos de pássaros.

Apesar do valor ambiental que a área possui, lixo e correntes de água poluídas podem ser encontrados com alguma facilidade. “Quando eu cheguei aqui o esgoto já desembocava no rio Calhau e o antigo morador, o doutor Ferreira, diz que já tinha denunciado tudo, mas ninguém deu jeito”, conta Rita Fiquene,

ambientalista residente na área 2 do Sítio do Rangedor. Segundo ela, o esgoto que polui o rio parte de alguns condomínios do Planalto Vinhais e de um “novo condomínio (...) que fica de lado do Planalto do Vinhais”, denunciou. “Esse oásis aqui não pode acabar, porque é o último cinturão verde da Ilha de São Luís, e se acabar vai atingir a questão climática da nossa Ilha”, concluiu Rita.

O Sítio do Rangedor é um corredor ecológico dividido em duas áreas: a área 1, que abriga a sede da Assembleia Legislativa, possui 120 hectares e é categorizada como Estação Ecológica desde 2005, dispositivo legal que faz dela uma área protegida. A área 2, desmembrada da área 1 pela avenida Luís Eduardo Magalhães, do bairro Calhau, somente no ano passado foi anexada à Estação Ecológica. Contudo, a validade da Lei que regulamenta essa recente anexação, que tornaria a área 2 em uma Unidade de Conservação de proteção integral, vem sendo questionada.



“Houve essa Lei em 2013 onde fica, por esse instrumento, redefinido os limites da Unidade, da Estação Ecológica do Rangedor, adicionando parte dessa área [área 2 do Sítio]. Mas, ela não deixa muito clara essa nova delimitação. Então, por isso, há uma fragilidade nessa Lei e nós entendemos que o Ministério Público tá exatamente verificando isso para poder consultar a validade da mesma”, elucida a superintendente.

Mesmo que o dispositivo legal, ainda, não tenha deixado claro qual a delimitação da área a ser anexada, carecendo, por isso, de retificação, o Rio Calhau e uma pequena área em seu entorno por si só já caracteriza uma APP, Área de Preservação Permanente, protegida por lei federal.

Na Delegacia Especial do Meio Ambiente, na qual está sendo feito um levantamento genérico de todos os inquéritos instaurados desde 2006, o delegado Eduardo Jansen falou sobre as investigações que tratam sobre atividades indevidas dentro do Sítio: “O Ministério Público ao tomar conhecimento do laudo pericial de outro procedimento encaminhou pra cá uma requisição para abertura de inquérito.

Esse inquérito foi instaurado em fevereiro desse ano e encontra-se em fase de tramitação aqui na Delegacia”.

Ainda segundo ele, identificar os responsáveis pela poluição do curso d’água demandará um tempo maior de investigação. “Constatar a poluição ambiental é uma coisa e identificar quem a implementou ou quem está implementando é uma coisa diversa. Teríamos que identificar via uma amplitude maior de levantamentos na área”, concluiu ele.

“A realidade dos rios urbanos, como um todo, é muito parecida com a realidade do rio Calhau. A grande maioria deles está comprometida pela contaminação, seja de esgoto, ou seja da própria ocupação indevida, sejam construções à margem dos rios. Então, é muito importante que a população permaneça atenta e envolvida na proteção. A população tem um papel essencial”, assegurou Clarissa Coelho.

Ela destacou, ainda, a importância de se fazerem denúncias com maior detalhamento possível, uma forma de a sociedade trabalhar em conjunto com os órgãos públicos de defesa ambiental direcionando, assim, as investigações e fiscalização:

“É importante que cada uma das denúncias sejam apresentadas formalmente para os órgãos de fiscalização, seja a SEMA, seja o Batalhão de Polícia Ambiental, seja essa Delegacia Especial do Meio Ambiente, da Polícia Civil, que elas sejam apresentadas com riqueza de informações. Às vezes recebemos denúncias, mas que não traz a localização. Então, fica quase impossível se verificar”.

E recomendou: “É essencial que a população continue apresentando as denúncias. Não é porque uma denúncia foi apresentada há algum tempo e não foi apurada que você deve resultar ela como esquecida. Eu acredito que se esse dano permanece é válido que a população, preocupada com a área, permaneça apresentando as denúncias para que essas instituições apurem as responsabilidades”.

A Sema possui uma ouvidoria. As denúncias podem ser feitas na própria sede (andar térreo, Av. dos Holandeses, nº 04, Quadra 06, Edifício Manhattan, Calhau) no turno vespertino, ou por telefone: (98) 3194-8900. O Batalhão de Polícia Ambiental, da Polícia Militar, e a Delegacia Especial do Meio Ambiente, da Polícia Civil, também estão preparados para receber as denúncias.



Ócio, Viagens e Gastronomia

Por Beatrice Borges
Turismóloga/Coordenadora da ABAV Nacional
www.ocioviagensgastronomia.com

As festas religiosas ainda são muito importantes para o Maranhão. O povo ainda dá muita importância para a fé e isso se reflete em todos os municípios do Estado. Em cada um deles, com menor ou maior intensidade, há um santo padroeiro ou mesmo uma religião predominante.

Por sermos um país oficialmente católico, os municípios em sua maioria possuem santos padroeiros e na mesma frequência, festejos religiosos tradicionais, que dão movimento aos lugares.

É assim em todo o Estado do Maranhão e é assim em Humberto de Campos, cidade em que passei praticamente todas as férias da minha infância e adolescência.

Em Humberto de Campos, o festejo mais popular é o em homenagem a Nossa Senhora Sant'Ana, mãe de Maria e avó de Jesus.

Antigamente, o festejo tinha início em meados de julho com uma procissão pequena, percorrendo as quatro principais ruas da cidade. Durante todo o festejo, as noites tinham ladainha com algumas partes sendo rezadas e cantadas em latim.

No dia 26 de julho, dia da Santa, o festejo religioso tinha seu ponto alto com nova procissão, dessa vez dando uma volta maior no município, que culminava com uma missa animada que se encerrava com um leilão.

O leilão da igreja era organizado pelas beatas da cidade, incluindo minha querida vó Concita. Cada uma das devotas de Sant'Ana oferecia de bom grado um prato ou alguma "joia" para ser leiloada. Valia tudo, desde o velho galeto assado com farofa, panela de pressão, vasinho de flores de plástico, conjunto de guardanapos de crochê, toalhas de prato pintadas ou bordadas à mão, bolo de tapioca, de macaxeira ou de massa e ainda o que não podia faltar: as cocadas da vovó.

A roda do leilão começava a se organizar um pouco antes da missa terminar e bastava os



músicos encerrarem suas participações dentro da igreja, para que se posicionassem ao lado da roda de leilão e animassem a porta da igreja. O movimento era grande e todo mundo punha sua melhor roupa para prestigiar Nossa Senhora Sant'Ana.

O leilão tinha uma dinâmica própria. As pessoas iam ficando por ali enquanto o leiloeiro chegava para tomar conta da roda. Lembro de vários leiloeiros durante a minha infância e adolescência. A coisa era informal a ponto de serem convocados para tal função, os amigos que estavam de bobeira na hora do leilão ou que eram previamente convidados, mas não com tanta antecedência assim.

Lembro como se fosse hoje, toda a rotina da minha vó elaborando nossa "joia" para Nossa Senhora Sant'Ana: o coco era ralado desde cedo e colocado num alguidar para descansar. Depois do almoço ela vinha toda graciosa para a cozinha e começava a fazer as cocadas. Depois de cozidas, ela espalhava na mesa para cortar e esperar secar. Entre um cochilo e outro dela, eu sempre roubava umas ao mesmo tempo que pedia perdão à santa.

As cocadas tradicionais ficavam branquinhas e as de maracujá ficavam amarelinhas decoradas com algumas sementes da fruta coladinhas.

As cocadas da vovó

As cocadinhas eram acomodadas em pratinhos e cobertas com guardanapos de crochê feitos por ela mesma. Ficava uma lindeza! Levávamos para a missa até a hora do leilão e eu aguardava ansiosa até a hora H.

O leilão acontecia com o leiloeiro fazendo brincadeiras e vendendo as joias aos expectadores de forma muito lúdica. Sorriamos sempre e cada um que tava assistindo dava seus lances aleatoriamente. As figuras mais importantes da cidade, como o Prefeito, o delegado e o médico, por exemplo, eram meio que obrigados a arrematar "joias" para ajudar na festa da padroeira. Os comerciantes mais ricos da cidade e os filhos ilustres, também.

Hoje, sei que o que me interessava no leilão era ter a certeza de que as cocadas da vovó iriam ser leiloadas por um preço razoável. Acho que dessa forma as pessoas dariam valor ao trabalho dela e que nossa "joia" era importante diante das outras. Algumas vezes, nós mesmos arrematávamos o pratinho...

Hoje sei também que o que ficou depois disso tudo, além das lembranças incríveis, foram as amizades que construí ao longo de todo esse tempo e o amor que fui dando para aquele município que tão bem me acolheu e me acolhe até hoje. O festejo ainda existe, mas não tenho certeza se ainda tem leilão. As festas de hoje possuem uma conotação diferente para a maioria dos adolescentes e é uma pena que festas religiosas e populares estejam ganhando proporções sertanejas, forrozeiras e funkeiras, embora eu entenda que a cultura é mesmo mutante e se transforma em outra para logo ser novamente transformada.

Minha avó continua participando ativamente das atividades da igreja, mesmo tendo se passado mais ou menos uns 20 anos e graças a Deus e a Nossa Senhora Sant'Ana, a família continua devota e rezando para aquela que sempre nos mobilizou e nos alegrou nos meses de julho.

O conhecimento sem limites.

Matriculas Abertas

Educação infantil

Ensino fundamental

Ensino médio

Colégio BATISTA
Daniel de La Touche

João Paulo Renascença
98 3131 1411 98 3227 2684